

## PIB per capita do brasileiro aumentará 162,8% nesta década

(Rosana Hessel)

Salto muito maior do que em países vizinhos, mas inferior ao visto na China e na Rússia. Depois de amargar bruscas oscilações nos anos 1980 e 1990, períodos de crescimentos econômicos medíocres, a renda per capita dos brasileiros — resultado da divisão da soma de todas as riquezas do país por seus habitantes — romperá, pela primeira vez, a marca dos US\$ 10 mil no próximo ano, já sob o comando do futuro presidente da República. Dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) mostram que, nesta década, o indicador, apontado como um dos principais sinais de enriquecimento de uma nação, dará um salto de 162,8%, com perspectiva de aumentar mais 35% nos próximos cinco anos. Quando



comparado aos vizinhos da América do Sul, o avanço brasileiro se torna mais evidente, reflexo do compromisso com políticas econômicas responsáveis. Na Argentina, por exemplo, onde estripulias de governantes vêm minando o desenvolvimento, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita encerrará esta década com minguado crescimento de 9,88%. Porém, quando confrontado com os integrantes dos Brics, grupo de países apontados como futuras potências, o Brasil só conseguirá ficar à frente da Índia, onde a renda por habitante avançará 153,7% entre 2001 e 2010. Na China, hoje a segunda maior economia do planeta, o indicador avançará 323%. Na Rússia, o pulo será de 498%. Diante desses números, só aumenta a responsabilidade do próximo governante. Para acelerar o ritmo de expansão da renda dos brasileiros, o país terá de ir muito além da manutenção do tripé metas de inflação, câmbio flutuante e ajuste fiscal, que está sob ameaça neste fim da administração Lula. Será obrigado a promover uma revolução por

meio da melhoria da educação e de reformas que deixem no passado a burocracia e a ineficiência. Os analistas não têm dúvidas: a melhora na renda per capita brasileira é reflexo não somente do crescimento da economia, mas também da estabilidade trazida pelo controle do dragão inflacionário. “Quando se controla a inflação, há um ganho real no poder de compra do consumidor”, analisa o economista e sócio da consultoria paulista Pezco, Frederico Turolla. Que acrescenta: “Mas ainda é necessário um avanço maior em educação para efetivamente haver um ganho real desse aumento no poder de compra”. Na opinião do economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Brasil vive agora um novo milagre econômico, ainda que com crescimento menor do que os 11% registrados entre os anos de 1968 e 1973 (quando a renda per capita girava em torno de US\$ 500 conforme dados do Banco Mundial), mas com um ponto que é bastante peculiar e positivo: a redução da desigualdade. “As taxas de crescimento do Brasil estão aquém das de outros Brics. No entanto, a qualidade do crescimento do país é indiscutivelmente melhor em vários aspectos. Aqui há preocupação com o meio ambiente e as regras do trabalho são mais claras. “Até 2008, a renda real per capita dos 10% mais ricos cresceu 11,2% e a dos 10% mais pobres, 72%”, afirma. Querer mais A sensação maior de riqueza dos brasileiros tem se traduzido em um boom do consumo. As famílias estão comprando cada vez mais — em 2002, eram 21 os produtos nos carrinhos de supermercados, agora, são 37 — e ampliando as cestas de mercadorias de maior valor agregado, pujança que levará a economia do país, segundo previsões do FMI, a ultrapassar a Itália em 2013 e a ocupar a sétima posição no ranking global. No primeiro trimestre deste ano, quando a economia deu um salto de dois dígitos (10,6%) e o emprego e a renda avançaram juntos, o empresário brasileiro Rony Rosa Moreira Júnior, 43 anos, aproveitou para comprar um utilitário de luxo pelo qual pagou R\$ 170 mil. Foi a segunda aquisição de um carro importado do segmento premium. “A relação custo-benefício foi muito boa”, diz. São clientes como Moreira que têm levado o Grupo Caltabiano, dono de revendas das marcas Volvo e Land Rover em Brasília, a ampliar os negócios. Segundo Alessandro Maia, diretor-superintendente da concessionária, as vendas do grupo neste ano cresceram 104% no país e 105% em Brasília. “Estudamos a abertura de lojas na capital federal até o próximo ano. O câmbio está favorável e as vendas só não cresceram mais porque faltou produto no mercado”, afirma. “O Brasil vive um momento excepcional. Os consumidores estão mais seguros em relação ao emprego, à renda e ao crédito”, acrescenta. É por isso que nunca foi tão explícita a movimentação da pirâmide do consumo, composta por três aspirações. A primeira, ter mais, refere-se ao ato de comprar, independentemente de ser a primeira vez ou de se renovar o que já se possui. A segunda, saber mais, corresponde ao acesso à educação e à informação, motivando a busca por empregos e salários melhores. A terceira, experimentar mais, é acessar o impensável, como carros de luxo e viagens ao exterior. Alavanca Mas o varejo, em geral, comemora. Sobretudo o voltado para a baixa renda, devido à entrada de um exército de 30 milhões de novos consumidores graças à melhora do poder de compra, devido às correções do salário mínimo acima da inflação e dos programas sociais. “Estamos assistindo ao avanço do consumo em todas as faixas de renda. A demanda está disseminada”, afirma o diretor de Relações Institucionais da Associação Brasileira de Lojistas de Shopping (Alshop), Luís Augusto Ildefonso da Silva. A evolução é tamanha que a classe D, formada por famílias com renda mensal entre R\$ 511 e R\$ 1.530, já superou a classe B em poder de compra, com ganhos entre R\$ 5.101 e R\$ 10,2 mil, totalizando R\$ 380 bilhões contra R\$ 330 bilhões. “O aumento da oferta de crédito aliada à estabilidade econômica contribui para o aumento do consumo das classes emergentes”, ressalta Ildefonso. Essa, inclusive, é a principal razão do atual ritmo de construção de shoppings no Brasil, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Pelas suas contas, a expansão média do setor entre 2007 e 2009 foi de 22 a 25 novos empreendimentos por ano. Agora, a previsão é de 45 e, até a primeira metade de 2012, serão pelo menos mais 99. O empresário Carlos Ferreirinha, presidente da MCF Consultoria, destaca o aumento do número de

milionários brasileiros como mais uma alavanca para o consumo. “Há 10 anos, esse mercado girava em torno de 350 e 500 mil consumidores. Hoje, está perto de 800 mil”, informa ele, uma das referências nacionais em mercado de luxo. A seu ver, esses novos consumidores compram artigos premium pelo menos uma vez por ano e Brasília, que já é o terceiro maior mercado desse segmento no país, ganhou corpo nos últimos anos. “O ganho da classe média em Brasília praticamente triplicou, especialmente em função dos cargos criados pelo governo. A cidade é um grande polo que atrai as grandes marcas internacionais de luxo”, diz. Nem tudo são flores Frederico Turolla, da Consultoria Pezco, diz que a atual euforia de consumo no país é perigosa, pois o crescimento econômico atual não é sustentável, mesmo com as expectativas em torno da Copa do Mundo no Brasil em 2014. Nela, os investimentos serão para setores não essenciais e os de infraestrutura já deficitários, como o de saneamento, vão perder volumes importantes de receita. Apesar disso, como os ciclos econômicos hoje são mais curtos, é possível um recuo no crescimento, mas não uma nova década perdida da economia como foi a de 1980, avalia.